

# AS MULHERES BÍBLICAS NOS CONTOS ERÓTICOS DE CLARICE LISPECTOR

Juliana Gervason Defilippo<sup>18</sup>

## RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as personagens femininas dos contos: “Miss Algrave”, “A via crucis do corpo”, “Mas vai chover” e “Melhor que arder”, presentes no livro **A via crucis do corpo**, de Clarice Lispector. A análise parte de uma comparação entre as personagens de Clarice e personagens bíblicas, criando uma relação intertextual entre os contos da autora e alguns textos bíblicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector; Religião; Mercado editorial; A via crucis do corpo.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the female characters of “Miss Algrave”, “A via crucis do corpo”, “Mas vai chover” and “Melhor que arder” in the book **A via crucis do corpo**, written by Clarice Lispector. The analysis is based on a comparison between the characters of Clarice and biblical characters, creating an intertextual relationship between the stories of the author and some biblical texts.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector; Religiosity; Publishing, A via crucis do corpo.

---

<sup>18</sup> Professora Titular do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

## INTRODUÇÃO

Escritores dificilmente se orgulham de obras encomendadas. Esta afirmação seria suficiente para descartar quaisquer observações ou análises a respeito de **A via crucis do corpo** publicada por Clarice Lispector no ano de 1974. Obra encomendada pela editora Artenova, interessada em aproveitar o sucesso literário que o nome de Clarice carregava no mercado editorial.

Além disso, vale ressaltar que Clarice, nos anos 70, estava trabalhando como tradutora da Artenova e dentre as traduções realizadas neste período constam obras da escritora francesa Emmanuelle Arsan. No ano de 1975, por exemplo, surge nas livrarias **Novelas da erosfera**, traduzido por Clarice do original francês publicado em 1969. Trata-se de uma literatura erótica que causou grande furor literário na época. Assim, tanto a tradução realizada por Clarice para a Artenova, como a obra encomendada, estão inseridas num contexto cultural extremamente consumidor deste tipo de produto.

A idéia da encomenda dos contos eróticos, como a própria escritora explica em uma das primeiras páginas do livro, era que a obra falasse de assuntos específicos. Porém, a primeira página que apresenta o livro, intitulada “Explicação” e assinada por CL, quase nos desconvida a lê-lo.

Os contos deste livro estão longe da erotização dos textos famosos da época, revelam um autora desconfortável com as histórias que cria e apresenta fragmentos de textos cuja gênese é oposta à execução. Alguns são inacabados e desconexos, e apesar de apresentarem-se forçados – reflexo de como a autora estava se sentindo – são textos cujo valor literário é significativo: refletem como um autor se porta diante do mercado consumidor e editorial, exigentes de uma produção que algumas vezes força a escrita, aprisionando a literatura.

As personagens femininas apresentadas nos contos circulam entre paradoxos desconfortantes. Algumas, são claras referências bíblicas, outras, recuperam personagens literárias e, finalmente, há outras que sugerem com o nome próprio, uma representação do que são no conto. Este trabalho propõe uma leitura, apenas, das personagens bíblicas.

Ao transformar Marias em mulheres que desejam, percebemos uma tentativa de transgredir, uma vez que a escritora ressignifica os nomes ao mesmo tempo em que

cria intertextualidades. O leitor acaba por deparar, de forma surpresa, com mulheres que na literatura representavam um signo diferente do apresentado por Clarice.

Trata-se de um ensaio de estudo que poderia gerar discussões maiores, mas esta não é, por enquanto, nossa intenção. Estamos longe de esgotar o tema uma vez que, em se tratando de Clarice - hermética como se nos apresenta - esgotá-lo seria, no mínimo, impossível.

## RUTH, A AMIGA DE TODOS

Ruth Algrave é a protagonista do conto **Miss Algrave**, narrado em terceira pessoa. A narrativa se passa em Londres, como se a descentralização da história amenizasse o tema por ela abordado. Uma vez que a escolha de Londres parece tão gratuita quanto se o nome da localidade fosse Rio de Janeiro ou Juiz de Fora. Ruth é, no fundo, mulher de qualquer cidade.

Solteira e sozinha, Ruth apresenta-se ao início do conto como uma mulher cheia de pudores e valores tradicionais e, por conta disso, cultivava o hábito de enviar cartas para revistas e jornais numa tentativa de lutar pelos bons costumes da sociedade. É capaz de criticar, por exemplo, um casal beijando na televisão.

Achava a cunhada uma “cadela”; os animais uns imundos; tomar banhos diários um grande pecado; para ela: “*a falta de vergonha estava no ar*” e “*até as crianças eram imorais*”... E, portanto, vivia rodeada por suas preces e protestos. Até que um dia, deitada sozinha no apartamento, é visitada por uma *coisa* que se apresentou como Ixtlan. Trata-se de uma estranha descrição de um extraterrestre. E Ruth Algrave, a mulher cheia de recatos e medos, acaba por ter sua primeira relação sexual com um ser de outro planeta:

Seu contato era frio como o de uma lagartixa, dava-lhe calafrios. Ixtlan tinha sobre a cabeça uma coroa de cobras entrelaçadas, mansas pelo terror de poder morrer. O manto que cobria o seu corpo era da mais sofrida cor roxa, era ouro mau e púrpura coagulada. [...] Ixtlan era branco e pequeno. (LISPECTOR, 1998, p. 17).

Não bastasse o inusitado da relação criada por Clarice, Ruth ficará tão

encantada com sua própria sexualidade que insatisfeita por descobrir que seus encontros com Ixtlan só se realizarão nas noites de lua cheia, conhece o ato da masturbação. E, não aguentando mais, começa a se oferecer a outros homens, desconhecidos. O primeiro homem com quem sai, um “cabeludo”, quis pagar ignorando a recusa de Ruth, assim, a partir deste contato, a mulher descobre outros dons e passa a utilizá-los, percebendo que com eles lucrará muito mais do que como datilógrafa.

Passa a viver ganhando dinheiro com a satisfação das próprias vontades enquanto espera o retorno de Ixtlan: *“e quando chegasse a lua cheia – tomaria um banho purificador de todos os homens para estar pronta para o festim com Ixtlan.”* (LISPECTOR, 1998, p. 20).

O conto que inicia o livro já quebra tantos tabus que é até possível esquecer a “Explicação” inicial de Clarice e sentir um certo desconforto com essa literatura tão libertária e certamente tão avessa à produção da autora. Não podemos ainda esquecer que a década de produção do livro, somada às décadas anteriores, não contava com tantas produções brasileiras cuja temática em torno da sexualidade fosse tão abordada. Não bastasse isso, a produção feminina estava ainda muito longe de explorar esse viés.

Masturbação, contato com alienígenas, liberação sexual de uma devota-carola-solitária que beira a prostituição, Clarice faz uma miscelânea no conto inicial da obra. E, exatamente por se tratar de uma miscelânea, acaba por não criar um texto erótico, menos ainda, pornográfico.

**Ruth** é uma personagem bíblica, representada como uma mulher viúva que casa com o irmão do marido, dando continuidade à tradição familiar. O significado do nome, além de “plena de beleza” é “amiga”.

A Ruth, de *Miss Algrave*, é amiga de Jack, primo com quem brincava na infância de marido e mulher fazendo de tudo para ter filhinhos – as brincadeiras aconteciam na cama da vovó. Ruth será amiga de Ixtlan e de todos os outros homens com quem se relacionará após a descoberta do sexo.

## AS TRÊS MARIAS

Maria Aparecida é a personagem do conto *A língua do p.* É uma professora de inglês que descobre, durante uma viagem de trem para a cidade, que seria estuprada por

dois desconhecidos assentados próximos a ela.

O que a diferencia de uma simples história sobre um crime de jornal é que a mulher percebe o perigo que está correndo, pois começa a prestar atenção na conversa dos homens que dialogam através da língua do ‘p’. A mulher está prestes a ser currada (termo usado no conto) por homens que recuperam a língua utilizada por crianças.

Maria Aparecida percebendo o que está prestes a acontecer, decide se proteger fingindo ser uma prostituta e, de forma atrapalhada e estranha, acaba por afastar os homens. Mas – e o conto vai tomar um ar de comédia – é notada pelo bilheteiro que a delata ao maquinista que a entrega a um policial na estação seguinte. É retirada do trem e levada por um policial, não deixando de ser menosprezada pelo olhar de uma mulher que entrara no trem na estação e tomara o seu lugar no vagão.

Após três dias na prisão sendo chamada de nomes horríveis, ela é liberada e, quando se encontra novamente no trem para continuar seu caminho, percebe assustada e surpresa que sentira vontade de ser estuprada: “*Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabisbaixa.*” (LISPECTOR, 1998, p. 70).

No Rio, enquanto esperava novo vôo para continuar sua viagem, lê no jornal que uma moça – a mesma que a havia desprezado enquanto ela era levada pelo policial – havia sido estuprada e assassinada pelos dois homens do trem, em seu lugar

Maria Aparecida, apagada que sempre foi, precisa ser notada transformando-se em seu oposto, para sobreviver.

O conto *A via crucis do corpo*<sup>19</sup> faz claramente uma paródia ao nascimento de Cristo a partir da história de Maria das Dores, uma mulher casada com um homem que nunca a tocara, mas descobre estar grávida. Certa de que nada lhe acontecera, após consulta que confirma sua gravidez de 3 meses, a mulher decide dar o nome de Jesus a seu filho, criando sua própria “enunciação”. Avisa ao marido que ele é, agora, José e resolve mudar o nome do menino para Emmanuel numa tentativa de poupar-lhe do sofrimento que Cristo havia passado.

Clarice empreende neste conto uma inversão da história religiosa criando um ambiente em que a mulher, de posse de todo um passado referencial, resolve por si

---

<sup>19</sup> Este conto também foi inserido no livro **O primeiro beijo e outros contos**, publicado pela editora Ática. A série é voltada para jovens na faixa de 13 anos de idade, e a inserção deste conto na edição vem provar o quanto ele é falho no trato do sexo, embora essa seja a proposta de **A via crucis do corpo**.

mesma repetir o caminho bíblico transformando a história, sem desfecho – um vez que o leitor já o conhece – num grande dessacralização do sagrado.

*Mas vai chover* conta a história de Maria Angélica de Andrade, uma personagem que sente desejos depois de velha. A transgressão deste conto se faz a partir do fato de que a mulher tem um amante de dezenove anos. Ele era entregador de produtos farmacêuticos e ela, fascinada por ele, faz de tudo para conquistá-lo. Embora no século XXI esta situação não seja mais tabu na sociedade brasileira, nos anos 70 ainda não era tema confortável para ser trabalhado na literatura e, não bastasse isso, Clarice nos apresenta uma personagem que tende para o ridículo nas suas tentativas de conquistar o jovem:

- Só deixo você sair se prometer que voltará! Hoje mesmo! Porque vou pedir uma vitaminazinha na farmácia...

Uma hora depois ele estava de volta com as vitaminas. Ela havia mudado de roupa, estava com um quimono de renda transparente. Viu-se a marca de suas calcinhas. Mandou-o entrar. Disse-lhe que era viúva. Era o modo de lhe avisar que era livre. Mas o rapaz não entendia. [...] Levou-o a seu quarto. Não sabia como fazer para que ele entendesse. Disse-lhe então:

- Deixe eu lhe dar um beijinho!

O rapaz se espantou, estendeu-lhe o rosto. Mas ela alcançou bem depressa a boca e quase o devorou.

- Minha senhora, disse o menino nervoso, por favor, se controle! A senhora está passando bem? [...]

- Eu lhe dou um presente grande! Eu lhe dou um carro! [...]

O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica – oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto! – Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor. E Alexandre tendo que suportar com nojo, com revolta. Tinha a impressão de que nunca mais ia poder dormir com uma mulher. O que aconteceria mesmo: aos vinte e sete anos ficou impotente. (1998, p. 76 - 77)

O conto termina com Alexandre exigindo que a mulher lhe dê alta quantia em dinheiro:

- Sim!, respondeu irritado, um bilhão antigo!

- Mas... mas eu não tenho tanto dinheiro...

[...]

- Sua velha desgraçada! sua porca, sua vagabunda! Sem um bilhão não me presto mais para as suas sem-vergonhices! (LISPECTOR, 1998, p. 78).

A mulher, parecendo um “ferida de guerra” o vê saindo quieta e muda, sem palavra nenhuma a dizer-lhe, pensando apenas, para surpresa do leitor: “*Parece – pensou – parece que vai chover*”.

A situação do livro é cíclica, uma vez que a mulher deste conto é colocada na mesma situação que Ruth Algrave, da história que inicia o livro. Ruth e Maria Angélica não cabem nas histórias eróticas ou pornográficas em que são inseridas. E, da forma com que caminham por elas, são expostas a um ridículo que não se espera de um texto que deveria excitar o leitor.

Nos contos *A via crucis do corpo*, *A língua do ‘p’* e *Mas vai chover* as três mulheres chamam-se Maria, alusão clara à mãe de Cristo. A primeira, **Maria das Dores** está no conto que parafraseia o nascimento de Cristo. O nome composto da personagem mostra, explicitamente, o papel dessa mulher: carregar o sofrimento de ser a mãe do filho de Deus. A segunda, **Maria Aparecida**, está no conto da mulher que será estuprada por dois homens. A forma de defesa dela? Parecer quem não é, tornar-se evidente, revelada, notada, aparecida. A terceira, **Maria Angélica**, é a mulher do conto *Mas vai chover*, e, paradoxalmente ao que um ser angelical revela, é a senhora de 60 anos que ataca o jovem com beijos e promessas, torna-se, como já definimos, a expressão do grotesco e do ridículo.

## A SANTA QUE ARDE

E, finalmente, há o conto *Melhor que arder*, cuja personagem é apresentada como Madre Clara: uma mulher que se tornara freira por obediência à família, mas precisa abandonar o celibato, pois não suporta a iminência do desejo. Seguindo o conselho do Padre, de que é “*melhor não casar. Mas é melhor casar do que arder*” (LISPECTOR, 1998, p. 72) Clara procura a superiora e pede para sair do convento, para achar um homem e casar-se. Morando sozinha numa pensão e recebendo ajuda da

família, fazia seus próprios vestidos e passava as noites rezando muito para que alguma coisa boa lhe acontecesse em forma de homem. Numa ida a um boteco para comprar uma garrafa de água conhece o dono português e, após coragem dele e convites para ir ao cinema, tomar um cafezinho e longos passeios, ele a pede em casamento. Seu casamento se dará na igreja e será realizado pelo mesmo Padre que lhe dera o conselho. Clara será feliz e mãe de quatro filhos homens.

É um texto curto, uma seqüência narrativa de acontecimentos com começo, meio e fim. Embora Clarice tente nos apresentar uma personagem transgressiva: uma freira que sente desejos e vontade de morder a mão do padre quando este lhe dá a hóstia, o trato superficial da história – embora narrativamente linear – não o poderia enquadrar nem em literatura erótica e menos ainda em literatura pornográfica. É como se o elemento “freira com desejos” (ainda que isso não seja falado com essas palavras) fosse o suficiente para aplacar a encomenda da editora.

A personagem faz movimento contrário ao de Santa Clara. Enquanto a santa católica entra para a igreja contra a vontade dos pais, a de Clarice o faz por imposição da família. Mas acaba saindo, para decepção de todos. Enquanto a primeira faz o voto de pobreza e vive um estilo de vida contemplativo (enclausurada e sem contato com o povo) Clara de Clarice irá casar com um homem de posses e ter quatro filhos.

## CLARICE/CULTURA: R(D)ECEPÇÃO

Wolfgang Iser (19-- , p. 23) afirma, em seu estudo **O ato da leitura** que os textos ficcionais, geralmente, respondem à situações de sua época, “à medida que produzem algo que está condicionado pelas normas vigentes, mas que já não pode mais ser captado por ela”. Dentro do corpus literário de Clarice é interessante o quanto o livro em questão responde a esse conceito de Iser uma vez que nos apresenta uma obra totalmente presa à produção cultural da época, mas que nos adianta uma discussão tão atual e evidente a respeito da literatura. A literatura produzida nos anos 70 no Brasil configurou-se numa resposta social a dois caminhos específicos: o de respeito à voz da censura, produzindo aquilo que era permitido e/ou exigido e o de oposição velada. **A via crucis do corpo** pertence ao primeiro caso, como a própria *Explicação* presente na obra elucida. Não bastasse ser uma literatura totalmente divergente da produzida pela



escritora, é também uma literatura que não cabe na própria tentativa de nomeá-la. Não podemos chamar de contos eróticos porque no excesso acabam por pecar negativamente, apresentando-nos muito mais a tristeza das ansiedades sexuais de seus personagens do que a excitação da libido que se espera deste tipo de literatura. Não podemos chamar de contos pornográficos porque tão pouco revelam / exploram, como deve fazer este tipo de literatura. Não se pode inserir na literatura pornográfica porque, a primeira coisa que a define, ele não contempla. Afinal, não há, como se espera deste gênero, a utilização de uma linguagem que define, descreve posições sexuais, partes do corpo, relações entre pessoas, enfim, a nomeação. Assim como também não há o explícito, e sim, na maioria das vezes, a insinuação. E, quando a autora se deixa utilizar do explícito, ela acaba por transformá-lo em ridículo ou por pedir desculpas, no ato da escrita. Como acontece no conto *Mais vai chover*, em que a narradora, antes de descrever o orgasmo de Maria Angélica, pede desculpas ao leitor. Não podemos chamar de contos existenciais, narrativa com a qual Clarice se tornou conhecida e representante da literatura brasileira, porque apenas superficialmente insinuam transformações de seus personagens, sem deixar que eles, assim como Lóri, G.H. ou Martim, deslizem pelo que há de intenso e hermético desta literatura. Sequer podemos chamar de contos se utilizarmos a tradicional qualificação do gênero. É um livro sem nome, cuja única nomenclatura encontrada pela própria autora foi de “lixo”.

Obra que lhe saiu cara, como mesmo vimos num dos contos que narra o desencontro entre a narradora em primeira pessoa, com um amigo que lhe telefonara pedindo que não publicasse um livro pornográfico<sup>20</sup>. Parece que a escritora pagou caro por algo que sequer conseguira realizar.

O que nos fascina e intriga é o quanto um momento cultural, gerado por um espaço histórico e político, sem sombra de dúvidas caótico, pode não só descarrilar quanto sufocar a literatura de um escritor.

Clarice mostra-se consciente do que é esperado dela enquanto escritora paga, e mostra-se ainda mais consciente da sua incapacidade de realização. Todo esse processo falho com que foi gerado o livro cria na escritora uma urgente necessidade de explicar-

---

<sup>20</sup> É interessante notar que os termos “erótico” e “pornográfico” criam certa confusão. A editora pediu que ela fizesse um livro erótico, porém, o amigo quando lhe telefona, utiliza o termo pornográfico. Só a delimitação dos termos e a caracterização real do livro entre um e/ou outro daria por si só assunto para outro trabalho.

se: no primeiro conto (**Explicação**) e no oitavo conto (**Dia após dia**), principalmente. Iser aponta que uma das estéticas mais preocupadas com a recepção do público seria a *pop art*, mostrando também que essa preocupação acaba por modificar o *modus operandi* da produção artística:

[...] sempre que uma obra de arte usa efeitos exagerados de afirmação, esses efeitos cumprem uma finalidade estratégica, mas não constituem o próprio tema. Sua função é de fato negar o que aparentemente afirmam. (LISPECTOR, 1998, p. 37).

Ou seja, Clarice, tal como atua a *pop art*, parece estruturar a erotização de sua obra da forma mais exagerada possível – afinal, era o que a Artenova dela encomendara – e, tal como Iser aponta, acaba por negar a própria pornografia e, de quebra, a erotização que o leitor espera da obra. Até porque, a superposição de elementos eróticos e/ou pornográficos, se dá de forma tão *over* que, como já afirmamos, cria muito mais um incômodo do que uma satisfação.

Essa ruptura literária empreendida por Clarice, quando em sua tentativa de responder o que a estética da época dela esperava, acaba por nos mostrar uma possibilidade de experimentar na leitura o espírito da época, as condições sociais e as disposições da autora. (ISER, 19--, p. 40) Criando-se o que Eagleton (2005, p. 48) chama de *estética da mercadoria*, resultado da crescente relação moderna entre cultura e vida social.

As personagens femininas apresentadas nestes contos, rompendo com os nomes religiosos que carregam, sustentam o descompasso do livro: erótico não porque revela carregadas cenas de sensualidade – como era comum nos livros da moda da época – mas porque libidinosamente apresentam personagens femininas transgressoras, desconfortáveis, inapropriadas até mesmo para a criação literária que pretendiam cumprir.

## REFERENCIAS

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GASPARI, Elio; VENTURA, Zuenir. **70/80 Cultura em trânsito: da repressão à Abertura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GASPARI, Elio; VENTURA, Zuenir. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde: 1960/1970**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. **O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil**. In Vozes femininas: gênero, mediações e práticas da escrita. SUSSEKIND, F., DIAS T. e AZEVEDO C. (orgs.) Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

